

CIDADE ABERTA

PEDRO MAIA



Mistério permanece na tragédia de Engano

Segundo informação divulgada pelo colunista Maurício Prates na edição de ontem de **A Tribuna**, os prefeitos de nove municípios do Espírito Santo encomendaram ao Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) um documento que comprova a viabilidade econômica da Ferrovia Leopoldina, extinta por determinação da Agência Nacional dos Transportes Terrestres (ANTT) em julho deste ano.

Esta ferrovia, que ligava o Espírito Santo ao sul do País, é um marco no desenvolvimento social e econômico do Estado, pois muitas cidades nasceram e cresceram às margens de seus trilhos.

O jornalista Maurício Prates, cachoeirense de sete costados, por certo guarda na memória a importância do antigo “noturno” que atravessava o centro da “capital secreta do mundo” duas vezes por dia: uma na ida para o Rio de Janeiro, então capital federal, e outra no seu retorno a Vitória trazendo os jornais e as novidades do País ansiosamente aguardadas pelos capixabas mais antenados.

Alguns, inclusive, afirmam que o bairrismo dos cachoeirenses se prende ao fato de que eles recebiam as notícias do mundo antes de Vitória onde o trem chegava mais tarde, horas depois de atravessar toda região montanhosa onde existem os túneis e viadutos considerados monumentos da engenharia ferroviária do século passado.

Por isso mesmo achamos que os prefeitos que formaram este consórcio e estão lutando na defesa da histórica linha férrea estão mais do que certos.

Sobre o assunto nos cabe parabenizar também o coleguinha Julio Huber, correspondente de **A Tribuna** na região Serrana do sul capixaba, que na edição de domingo passado publicou excelente matéria sobre o mais trágico acontecimento na história da Leopoldina Raywall no Espírito Santo, ocorrido no dia 23 de dezembro de 1950.

Por esta época a ferrovia mantinha ramais para diversos municípios encravados nas montanhas e Alfredo Chaves era um deles. O desastre ocorreu próximo à estação de Engano, um pe-

queno vilarejo da região, e até hoje não se sabe ao certo o número de mortos sendo que enquanto os registros oficiais dão conta de 19, os moradores locais garantem que este número foi bem maior.

Por este tempo, no esplendor dos dez anos de idade, nós estudávamos no Colégio de Muqui e viajávamos sempre no velho “noturno” razão pela qual o fato nos impressionou de maneira mais contundente.

A revista “O Cruzeiro”, a única no gênero no Brasil a circular nacionalmente na

época, divulgou fotos do local do acidente que foi assunto por várias semanas dando destaque à possibilidade de o sinistro ter sido criminoso em razão do desaparecimento do cofre que transportava o pagamento dos funcionários da ferrovia.

Julio Huber registrou este fato ouvindo moradores que vivenciaram o drama daquele Natal fatídico. Até hoje a história do cofre ainda é mistério.

E para finalizar estendemos nossas congratulações à diretora da Escola de Ensino Fundamental de Engano, em Ibitiruí, professora Rogéria Lucia Fiorin Gaigher, que promoveu um projeto de leitura usando a tragédia como tema. Este projeto teve como base o blog “Diário de Engano”, realizado pelos amigos Henrique, André Fiorin e Lucas Secchin, que se interessaram pelo assunto e produziram este trabalho de resgate da memória do Espírito Santo.

Vamos torcer para que a tradicional e histórica ferrovia permaneça onde está relembrando toda pujança e desprendimento de um povo que não pode – e não deve – permitir que se destrua parte importante de sua história.



Viajávamos sempre no velho “noturno” razão pela qual o fato nos impressionou de maneira mais contundente